



O GLOBO

ENTREVISTA

Jefferson Peres

(72 anos, senador pelo PDT-AM.)

O senhor e o senador Pedro Simon foram bater à porta do Supremo Tribunal Federal para buscar o direito de a oposição criar Comissões Parlamentares de Inquérito. Não teria sido melhor brigar no plenário do Senado?

No Senado, a briga continua. Nós fomos ao Supremo para defender a Constituição. O governo acaba de ratificar uma conduta que extingue o instituto da CPI. Isso nunca aconteceu na República. Estabeleceu-se que a minoria pode ter as assinaturas pedidas pela Constituição, mas a maioria pode se impor, bastando-lhe não indicar seus representantes na Comissão. Cria-se uma situação na qual a Constituição autoriza a minoria a gerar CPIs, mas o presidente da Casa, com o Regimento, pode abortá-las. Não é a CPI que está em questão. É o direito da minoria de não ser afogada. Se essa monstruosidade prevalecer, o governo só permitirá CPIs para jardinagem e culinária. Sempre que lhe interessar o silêncio, amordaçará a minoria. Quem deve estar surpreso com tudo isso é o ex-presidente Fernando Collor. Se ele tivesse recorrido ao expediente usado pelo Planalto, não teria sido instalada a CPI que investigou seu governo. Collor não cerceou a minoria.

O que o senhor acha que levou o governo de um partido nascido no meio operário do ABC paulista a preferir uma solução dessas?

Faltaram a Lula e ao governo a ousadia e a percepção de que tinham mandato e apoio para mudar a política brasileira. Sua vitória teve um alcance jamais visto. Lula tinha mandato e apoio popular para encurralar e constranger a maioria fisiológica do Congresso. Se ele dissesse que não barganharia com o fisiologismo, a começar com o fisiologismo do seu próprio partido, os políticos e os interesses contrariados não reagiriam. O tamanho de sua vitória do PT acuou-os, mas Lula deixou-se chantagear. Ele perdeu o seu grande momento. Agora é tarde para ele.

O que o senhor quer dizer com "é tarde"?

O PT e Lula perderam o patrimônio ético que carregaram consigo por mais de 20 anos. Perderam também o apoio popular. Hoje, faltam-lhes as condições morais e políticas para fazer as mudanças que prometeram aos eleitores. Lula tornou-se refém do fisiologismo. Ele está a caminho da conclusão do primeiro terço de seu mandato. Passado o período de deslumbramento, durante o qual ele se mostrava como um Messias dos povos, aplaudido no Brasil e festejado no exterior, chegaram as vicissitudes da prática de governo. Governar um país do tamanho do Brasil, com suas complexidades, é uma tarefa difícil. Lula está confuso, perplexo, desorientado.

21 MAR 2004